

ESPECIAL

Obras da CST cria um novo bairro na Serra

Por Pedro Maia
Fotos: Murilo da Rocha

Cerca de 30 bares improvisados em barracões de madeira, um "stand" de tiro ao alvo onde também funciona um minicassino, restaurantes que servem o prato feito a Cr\$ 150,00 a unidade, muitas mulheres à procura de companhia remunerada e até um foto, especialista em confeccionar os conhecidos "monóculos", formam um estranho e curioso aglomerado erguido em poucos dias a menos de cem metros dos portões da Siderúrgica de Tubarão que dão acesso aos alojamentos dos operários nas obras de construção da CST.

Este núcleo, que mistura comércio e contravenção, se instalou quase que naturalmente na estrada que liga São Sebastião ao balneário de Carapebus, na Serra. Ainda não tem nome definido, porém alguns já se referem a **Bastiãozinho** ou **Carapebinha** para indicar o lugar, em clara alusão à zona de confinamento dos lenocínio — São Sebastião, ou **Carapeba** — situada próximo daquele local. A maioria dos comerciantes que se instalaram naquela área vieram de São Sebastião e foram para ali atraídos pelo movimento de operários que forçosamente terão que passar por aquele trecho nas chegadas e saídas do canteiro da obra.

PEÕES

Já existem cerca de seis mil homens trabalhando no setor e este número deverá chegar até os 30 mil no pico máximo da obra, previsto para agosto e setembro de 1982. Estes operários são recrutados nos mais diversos pontos do País e muitos deles são os chamados "peões-de-trecho", ou seja, pertencem a uma escala de mão-de-obra móvel que se desloca de acordo com a instalação de canteiros nos grandes investimentos nacionais. Assim o "peão-de-trecho" se movimenta de Itaípu, no extremo Sul, aos grandes projetos de terraplenagem — construção de estradas e preparação de terrenos para açudes e barragens — no extremo Norte. São operários, geralmente especializados em determinada função, que se movimentam de maneira independente sempre à procura de locais de trabalho onde possam fortalecer o salário com o advento de horas-extras, o que só ocorre em obras cujo andamento esteja ativado, ou onde a mão-de-obra seja insuficiente.

Por outro lado existe o operariado arregimentado pelos chamados **gatos** que são intermediários entre as empreiteiras e o trabalhador. Os **gatos** recrutam os trabalhadores nos pontos mais diferentes e, graças a promessas que nunca são cumpridas, eles conseguem convencer desde o homem do campo até a mão-de-obra ociosa dos grandes centros urbanos. São justamente estes trabalhadores aliciados pelos **gatos** que se transformam no problema mais sério para as comunidades próximas das obras. Ao constatarem a realidade do logro em que caíram acabam gastando o pouco que receberam ficando sem condições financeiras para regressarem aos seus lugares de origem. O interesse do **gato** é receber sua comissão por trabalhador trazido para o canteiro da obra, razão pela qual não se preocupa com escolha apurada. Geralmente os trabalhadores recrutados pelos **gatos** são serventes, aproveitados para serviços pesados, compondo a grande força de horas-homens durante os períodos acelerados dos trabalhos. Assim que as etapas de construção vão se complementando também os serventes vão sendo despedidos para serem aproveitados em outras obras. São transformados em grupos de mão-de-obra móvel, que circula de acordo com as necessidades das grandes empreiteiras.

SEGURANÇA

No canteiro de obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão estão instaladas cerca de 30 empreiteiras que abrigam em seus quadros perto de 10 mil homens. Estas empreiteiras executam diferentes etapas da construção e todas elas obedecem ao esquema de segurança da própria Companhia Siderúrgica de Tubarão. A segurança interna do canteiro



Bastiãozinho nasceu da noite para o dia e não para de crescer

Mesmo tendo melhorado consideravelmente após a greve, o tratamento que os guardas de segurança da CST dispensam aos operários ainda deixa muito a desejar. A exibição ostensiva de longos e pesados cassetetes deixam ao visitante a impressão de se tratar de um campo de concentração, e não de um alojamento de trabalhadores. Porém, o operário, de uma maneira geral, é bem tratado recebendo alimentação adequada e morando em ambientes razoavelmente aceitáveis. No próprio canteiro de obras existem locais para lazer e entretenimento com sinucas, mesas de ping-pong, televisão, etc. Mas é terminantemente proibido o consumo de bebidas alcólicas, o que garante o sucesso do **mafuá** armado na porta da CST.

MOVIMENTO

O movimento no **Bastiãozinho** começa cedo. Os primeiros fregueses são os trabalhadores que saem do trabalho noturno. Depois começam a chegar os "peões-de-trecho" vindos dos mais distantes pontos do País à procura de trabalho. Enquanto sandam qual a melhor oferta ficam por ali, atraídos pelo movimento.

José. Correa Netto, é motorista profissional e veio de João Pessoa, Paraíba, para trabalhar na CST. Aqui arranhou emprego na "M. Roscoe", uma das empreiteiras que executam serviços de terraplenagem nas obras. Recem-chegado em Vitória, ele diz que ainda não saiu da Serra para conhecer a capital. Mas está satisfeito com a obra e com o tratamento dispensado ao pessoal que trabalha lá. Afirma que ali tem construção para "um bocado de tempo" e pensa em mais tarde, poder trazer sua família — mulher e dois filhos — para o Espírito Santo. Por enquanto, vai morar no alojamento da CST e "se virar como pode".

Outro que também afirma ser "peão-de-trecho" e que chegou recentemente ao Espírito Santo é o pernambucano Hélio Tenório Bandeira, que veio do Recife para trabalhar nas obras da CST. Hélio contou que antes de chegar no Espírito Santo, esteve procurando trabalho em Belo Horizonte e São Paulo. Ele disse que soube da construção da CST em Minas Gerais e resolveu "dar uma chegada para ver de perto". Gostou e ficou. Para ele, as coisas são mais fáceis por ser solteiro: — "Sozinho a gente se encosta em qualquer lugar. Qualquer prazer nos diverte. Casado é que é fogo..."

Já Ademir Gonçalves Soares, marleteiro, natural de Ipatinga, em Minas Gerais, não acha nada bom o tratamento dos operários na CST. Ele veio trazido por um **gato** que lhe prometeu casa com aluguel barato e muitas outras vantagens. Aqui viu que a realidade é bem outra. Agora ele espera só juntar um pouco de dinheiro para regressar a Ipiranga, onde sua família possui uma pequena propriedade rural. Afirma Ademir que o grande problema aqui em Vitória é jus-



O fotógrafo Miranda, ao lado do "Padre Cícero", que lhe serve de cenário para garantir um melhor faturamento

tamente onde morar: "Os aluguéis são caros e a CST fica longe. Assim que puder me mando de volta".

CRESCIMENTO

Como José Correa, o paraibano; Hélio Tenório, o pernambucano e Ademir, o mineiro, são muitos os que passam diariamente pelos balcões das tendinhas improvisadas do **Bastiãozinho**. Cada qual com seus problemas, deixando sua contribuição para o rápido florescimento do lugar.

Mas a grande movimentação é a que em **Bastiãozinho** começa mesmo é depois das 16 horas, quando os trabalhadores largam o serviço. Então os bares ficam cheios e as eletrolas, a todo o volume, animam o ambiente com músicas que variam entre Waldick Soriano e Teixeira. As mulheres formam a atração principal dividindo com as mesas de jogo as preferências dos frequentadores.

No local funciona também o "Foto Miranda", de propriedade do cearense João Miranda Neto, que há alguns anos se dedica a acompanhar "peões-de-trecho" pelas grandes obras do País. Ele, como fotógrafo, faz de tudo: desde o retrato três por quatro, para documentos, até os monóculos onde o freguês pode aparecer ao lado de uma imagem do Padre Cícero, de Nossa Senhora Aparecida ou mesmo portando dois revólveres em cartuchearas enfeitadas, tipo mocinho de cinema.

Miranda afirma que gosta de fazer e que com a sua ocupação consegue faturar o bastante para sustentar a sua família, no Norte, e ainda economizar um pouco para o futuro. Muito embora os monóculos — chamados curiosamente de **bicóculo** pelos trabalhadores — lhe garantam uma boa renda, o forte do negócio do cearense Miranda é a fotografia para documentos. Todo o operário tem que ter estas fotos para o fichamento nas empreiteiras. Geralmente são exigidas duas fotos: uma para a ficha pessoal do empregado e a outra para a carteira de



maioria dos comerciantes que se instalaram naquela área vieram de São Sebastião e foram para ali atraídos pelo movimento de operários que forçosamente terão que passar por aquele trecho nas chegadas e saídas do canteiro da obra.

PEÕES

Já existem cerca de seis mil homens trabalhando no setor e este número deverá chegar até os 30 mil no pico máximo da obra, previsto para agosto e setembro de 1982. Estes operários são recrutados nos mais diversos pontos do País e muitos deles são os chamados "peões-de-trecho", ou seja, pertencem a uma escala de mão-de-obra móvel que se desloca de acordo com a instalação de canteiros nos grandes investimentos nacionais. Assim o "peão-de-trecho" se movimenta de Itaipu, no extremo Sul, aos grandes projetos de terraplenagem — construção de estradas e preparação de terrenos para açudes e barragens — no extremo Norte. São operários, geralmente especializados em determinada função, que se movimentam de maneira independente sempre à procura de locais de trabalho onde possam fortalecer o salário com o advento de horas-extras, o que só ocorre em obras cujo andamento esteja ativado, ou onde a mão-de-obra seja insuficiente.

Por outro lado existe o operariado arregimentado pelos chamados **gatos** que são intermediários entre as empreiteiras e o trabalhador. Os **gatos** recrutam os trabalhadores nos pontos mais diferentes e, graças a promessas que nunca são cumpridas, eles conseguem convencer desde o homem do campo até a mão-de-obra ociosa dos grandes centros urbanos. São justamente estes trabalhadores aliciados pelos **gatos** que se transformam no problema mais sério para as comunidades próximas das obras. Ao constatarem a realidade do logro em que caíram acabam gastando o pouco que receberam ficando sem condições financeiras para regressarem aos seus lugares de origem. O interesse do **gato** é receber sua comissão por trabalhador trazido para o canteiro da obra, razão pela qual não se preocupa com escolha apurada. Geralmente os trabalhadores recrutados pelos **gatos** são serventes, aproveitados para serviços pesados, compondo a grande força de horas-homens durante os períodos acelerados dos trabalhos. Assim que as etapas de construção vão se complementando também os serventes vão sendo despedidos para serem aproveitados em outras obras. São transformados em grupos de mão-de-obra móvel, que circula de acordo com as necessidades das grandes empreiteiras.

SEGURANÇA

No canteiro de obras da Companhia Siderúrgica de Tubarão estão instaladas cerca de 30 empreiteiras que abrigam em seus quadros perto de 10 mil homens. Estas empreiteiras executam diferentes etapas da construção e todas elas obedecem ao esquema de segurança da própria Companhia Siderúrgica de Tubarão. A segurança interna do canteiro das obras é exercida por um grupo de 60 guardas que se revezam em turnos diversos. Este esquema de segurança é temido pelos trabalhadores e a truculência dos guardas no trato com os operários já foi alvo de protestos da classe, tendo sido um dos pontos discutidos por ocasião da última greve da construção civil, quando os trabalhadores saíram às ruas para exigir seus direitos.

aos operários ainda deixa muito a desejar. A exibição ostensiva de longos e pesados cassetetes deixam ao visitante a impressão de se tratar de um campo de concentração, e não de um alojamento de trabalhadores. Porém, o operário, de uma maneira geral, é bem tratado recebendo alimentação adequada e morando em ambientes razoavelmente aceitáveis. No próprio canteiro de obras existem locais para lazer e entretenimento com sinucas, mesas de ping-pong, televisão, etc. Mas é terminantemente proibido o consumo de bebidas alcoólicas, o que garante o sucesso do **mafuá** armado na porta da CST.

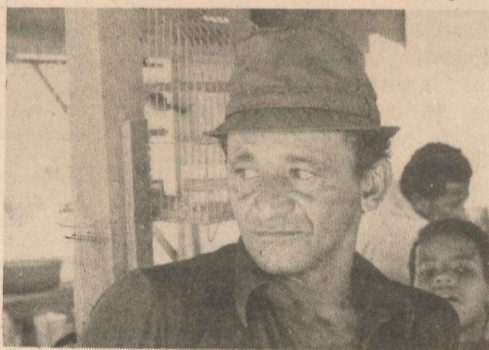
MOVIMENTO

O movimento no **Bastiãozinho** começa cedo. Os primeiros fregueses são os trabalhadores que saem do trabalho noturno. Depois começam a chegar os "peões-de-trecho" vindos dos mais distantes pontos do País à procura de trabalho. Enquanto sandam qual a melhor oferta ficam por ali, atraídos pelo movimento.

José Correa Netto, é motorista profissional e veio de João Pessoa, Paraíba, para trabalhar na CST. Aqui arranhou emprego na "M. Roscoe", uma das empreiteiras que executam serviços de terraplenagem nas obras. Recém-chegado em Vitória, ele diz que ainda não saiu da Serra para conhecer a capital. Mas está satisfeito com a obra e com o tratamento dispensado ao pessoal que trabalha lá. Afirma que ali tem construção para "um bocado de tempo" e pensa em mais tarde, poder trazer sua família — mulher e dois filhos — para o Espírito Santo. Por enquanto, vai morar no alojamento da CST e "se virar como pode".

Outro que também afirma ser "peão-de-trecho" e que chegou recentemente ao Espírito Santo é o pernambucano Hélio Tenório Bandeira, que veio do Recife para trabalhar nas obras da CST. Hélio contou que antes de chegar no Espírito Santo, esteve procurando trabalho em Belo Horizonte e São Paulo. Ele disse que soube da construção da CST em Minas Gerais e resolveu "dar uma chegada para ver de perto". Gostou e ficou. Para ele, as coisas são mais fáceis por ser solteiro: — "Sozinho a gente se encosta em qualquer lugar. Qualquer prazer nos diverte. Casado é que é fogo..."

Já Ademir Gonçalves Soares, marleteiro, natural de Ipatinga, em Minas Gerais, não acha nada bom o tratamento dos operários na CST. Ele veio trazido por um **gato** que lhe prometeu casa com aluguel barato e muitas outras vantagens. Aqui viu que a realidade é bem outra. Agora ele espera só juntar um pouco de dinheiro para regressar a Ipiranga, onde sua família possui uma pequena propriedade rural. Afirma Ademir que o grande problema aqui em Vitória é jus-



Hélio Tenório veio de Pernambuco para trabalhar na CST



O fotógrafo Miranda, ao lado do "Padre Cicero", que lhe serve de cenário para garantir um melhor faturamento

tamente onde morar: "Os aluguéis são caros e a CST fica longe. Assim que puder me mando de volta".

CRESCIMENTO

Como José Correa, o paraibano, Hélio Tenório, o pernambucano e Ademir, o mineiro, são muitos os que passam diariamente pelos balcões das tendinhas improvisadas do **Bastiãozinho**. Cada qual com seus problemas, deixando sua contribuição para o rápido florescimento do lugar.

Mas a grande movimentação em **Bastiãozinho** começa mesmo é depois das 16 horas, quando os trabalhadores largam o serviço. Então os bares ficam cheios e as eletrolas, a todo o volume, animam o ambiente com músicas que variam entre Waldick Soriano e Teixeira. As mulheres formam a atração principal dividindo com as mesas de jogo as preferências dos frequentadores.

No local funciona também o, "Foto Miranda", de propriedade do cearense João Miranda Neto, que há alguns anos se dedica a acompanhar "peões-de-trecho" pelas grandes obras do País. Ele, como fotógrafo, faz de tudo: desde o retrato três por quatro, para documentos, até os monóculos onde o freguês pode aparecer ao lado de uma imagem do Padre Cicero, de Nossa Senhora Aparecida ou mesmo portando dois revólveres em cartucheiras enfeitadas, tipo mocinho de cinema.

Miranda afirma que gosta de fazer e que com a sua ocupação consegue faturar o bastante para sustentar a sua família, no Norte, e ainda economizar um pouco para o futuro. Muito embora os monóculos — chamados curiosamente de **bicóculo** pelos trabalhadores — lhe garantam uma boa renda, o forte do negócio do cearense Miranda é a fotografia para documentos. Todo o operário tem que ter estas fotos para o fichamento nas empreiteiras. Geralmente são exigidas duas fotos: uma para a ficha pessoal do empregado e a outra para a carteira de identificação. E nessa o Miranda vai arrumando seu pé-de-meia.

Nos sábados e domingos, **Bastiãozinho** vive seus dias de glória. O movimento é grande e o lugar vira uma festa. São os dias de folga do pessoal da obra. Depois de uma semana de trabalho, nada melhor do que uma farra. Pois como diz o ditado, "afinal ninguém é de ferro".



Em Bastiãozinho nem todos são trabalhadores



Behidas e mulheres são as principais atrações do local